



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MEMÓRIA, IDENTIDADE E ENRAIZAMENTO: A CULTURA POPULAR NA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Mayk Andreele do Nascimento
Doutorando em Sociologia PPGS-UFPB
mayk_andreele@yahoo.com.br

O presente trabalho pretende apresentar a reflexão desenvolvida no curso de Mestrado¹ do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB, onde realizei uma análise das culturas populares nos bairros do Roger e Tambiá nos anos 1900 a 1970². Um dos objetivos deste trabalho foi documentar as transformações históricas, sociais e culturais ocorridas na cidade de João Pessoa que têm afetado a cultura popular. Para tanto, tomei como base dados escritos e outros registrados em pesquisas anteriores e, acima de tudo, aquelas informações provenientes de depoimentos dos moradores.

No decorrer do longo século XX, inúmeras transformações ocorreram na cidade de João Pessoa, sobretudo no que diz respeito a sua configuração urbana, às condições de trabalho, de moradia e ao contexto cultural mais amplo. Estas mudanças, por sua vez, ocasionaram transformações nos costumes e práticas culturais populares na região que compreende os bairros do Roger e Tambiá.

Esta pesquisa está voltada para as práticas culturais de uma camada subalterna da sociedade. Este trabalho se propõe a deixar em evidência a voz daqueles que costumeiramente são excluídos não só em termos econômicos, sociais e políticos, mas também culturais - não só privados do acesso à educação formal, mas também vistos

¹ Este trabalho representa a continuidade dos estudos que desenvolvo desde a graduação. Fui bolsista da pesquisa de iniciação científica (PIBIC) no período de 2005 a 2007. Esta pesquisa, orientada pelo professor Dr. Marcos Ayala e vinculada ao L.E.O. (Laboratório de Estudos da Oralidade), resultou no meu trabalho monográfico de conclusão do bacharelado em ciências sociais pela UFPB *Cultura popular nos bairros do Roger e Tambiá: cotidiano, costumes e resistência*. Publicada pela revista Caos.

² “*Memória, cultura popular e enraizamento*. Uma análise dos costumes e práticas culturais populares dos bairros do Roger e Tambiá - João Pessoa-PB”. Trabalho de dissertação, sob a orientação do Prof.Dr. Marcos Ayala, defendido em 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

como destituídos de cultura, tendo suas práticas ignoradas ou tratadas como cultura menor.

Em primeiro lugar, a pouca visibilidade da cultura popular e sua ausência nas publicações e em outros registros existentes fazem com que a principal fonte das informações procuradas seja a memória daqueles que vivenciam este contexto cultural. Mesmo quando existam outros registros, os depoimentos permitem conhecer a visão “do ponto de vista dos de baixo”, como sugere Edward Thompson, ou seja, dos “vencidos da história” como lembra Walter Benjamin. Isto quer dizer que o trabalho com a memória nos permite entrever uma voz silenciada, a “voz subalterna”³. Como aponta José de Souza Martins, “tal mudança significa reconhecer como **sujeitos** da história e sujeitos do conhecimento os grupos e classes subalternos.” (MARTINS, 1989, p.119). (grifo do autor).

Nesta pesquisa, os moradores, “sujeitos-viventes”, ao recontar acontecimentos sobre os espaços e os tempos no bairro, me permitem escavar o passado recente para iluminar a temática por mim trabalhada, qual seja, a relação entre cultura popular e a modernização da cidade de João Pessoa. Encaramos as memórias, de tempos mais remotos ou recentes, como importante suporte na reflexão. Me apoio em lembranças de moradores do Roger e Tambiá levando em consideração o fato que elas são elaboradas a partir de um diálogo com o local em que os narradores vivenciaram ou vivenciam os fatos narrados.

Neste sentido, procuro enfatizar a memória dos moradores sobre a cultura popular observando sua associação ao contexto social mais amplo, as relações de poder entre grupos sociais.

Para tentar focalizar o aspecto da construção social da memória, opto por enfatizar as relações entre os sujeitos e as coisas lembradas. É com este olhar que examino a literatura memorialista de Coriolano de Medeiros. Procuro, a partir da contextualização do seu lugar de fala, problematizar a substância social de suas memórias e mostrar como suas narrativas se inserem no quadro ideológico das elites paraibanas.

Conforme assinala Eclea Bosi, “exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente”. Pois, “na maior parte das vezes lembrar não é

³ Ver José Jorge de Carvalho (2006). A etnografia e a voz subalterna.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1987, p.11).

Memória subalternas: a história lida a contrapelo

A memória tem um papel fundamental quando nos propomos a compreender os significados atribuídos às práticas populares. O questionamento acerca da substância social da memória permite perceber as disputas em torno da construção de uma memória hegemônica (legitimada pela história oficial). Neste sentido, devemos interrogar por que determinadas experiências conquistaram uma posição de destaque nos quadros sociais da memória⁴.

Os questionamentos de Bertold Brecht no poema “Perguntas de um trabalhador que lê”, continuam ecoando e clamam por respostas.

“Quem construiu a Tebas de sete portas? Nos livros estão nomes de reis. Arrastaram eles os blocos de pedra? E a Babilônia várias vezes destruída. Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas da Lima dourada moravam os construtores? Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta? A grande Roma está cheia de arcos do triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio tinha somente palácios para os seus habitantes?” (BRECHT, 2000, p. 166).

Procuro, de maneira sumária, estabelecer uma distinção analítica no campo da memória, caracterizando duas camadas: a memória oficial e a memória vivida. A memória pode ser entendida nestes dois aspectos. Sob o ponto de vista da memória oficial, trata-se de um conjunto de representações do passado que se tornaram dominantes, o que remete ao terreno da ideologia. Por outro lado, enquanto memória vivenciada, ela também diz respeito à capacidade dos sujeitos (pessoal e coletivamente) pensarem o passado, reavivando experiências silenciadas.

A memória oficial se constrói a partir de memórias vivenciadas, no entanto apenas um grupo privilegiado da sociedade tem o poder de transformar suas memórias em documentos e monumentos de época. (Mais à frente trarei à tona esta proposição inicial em relação aos escritos de Coriolano de Medeiros).

⁴ Cf. Halbwachs, Maurice (1990).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Quando avançamos neste sentido, torna-se possível a compreensão de que a história oficial se constrói pisando por cima de outras memórias (BENJAMIN, 1994). Ou seja, para que um determinado ponto de vista prevaleça no imaginário social, outras memórias são silenciadas e relegadas ao esquecimento. Deste modo, a voz subalterna é excluída da **história oficial**, mas não da memória coletiva, este imaginário mais amplo que também se alicerça nas margens da memória hegemônica. Minha tarefa é situar as culturas populares neste jogo de relações de forças da memória social. Para tanto, pretendo pensar as resistências impressas pelas culturas populares.

A história dominante, estampada nos monumentos, assegura um lugar privilegiado para os heróis e desconsidera os demais sujeitos que efetivamente participaram da história. De diferentes modos os grupos e classes dominantes foram relegando ao silêncio e ao esquecimento a história, as experiências e a cultura dos grupos populares. O silenciamento dessas memórias é um pressuposto para a construção da hegemonia dos grupos dominantes.

Sob esta perspectiva, creio que a memória deixa de ser pensada de forma estática e passa a ser problematizada num quadro mais amplo de relações sociais. Neste sentido, devemos problematizar as representações construídas pelos grupos e classes dominantes que se tornaram hegemônicas. Um palco privilegiado para examinarmos este jogo de representações é a literatura, sobretudo a memorialista, como é o caso dos escritos de Coriolano de Medeiros.

Essa linha de análise permite perceber de que modo certas interpretações dominantes em relação ao passado afirmam determinadas tradições em detrimento de outras, o que abre espaço para que se encare a cultura e as experiências dos grupos populares. Deste modo, as memórias que estavam aparentemente silenciadas eclodem, e surgem novas significações acerca da história da cidade.

As culturas populares foram historicamente negadas e desqualificadas. A superação da perspectiva linear adotada pelos estudos folclóricos coloca a possibilidade de colocar em debate as experiências vivenciadas pelos setores subalternos.

Pretendo empreender uma crítica ao domínio das fontes escritas, tomando a obra de Coriolano de Medeiros como expoente da visão de mundo das elites paraibanas em relação ao universo cultural popular. Meu intuito é assinalar o papel das narrativas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dos grupos e classes que historicamente conquistarem posições hegemônicas na construção da história oficial da cidade da Parahyba.

As imagens utilizadas por Benjamin para dar conta deste processo são reveladoras: “quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo” (BENJAMIN, 1994, p. 239).

Minha proposta é escavar um solo específico, ou seja, um determinado terreno sócio-histórico, a Parahyba das três primeiras décadas do século XX. Neste terreno, me deparei com alguns documentos de cultura que, como lembra Benjamin, acabam se revelando monumentos de barbárie.

“nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”. (BENJAMIN, 1985, p. 203).

Nosso trabalho se aventura em escavar a história de dois bairros da cidade de João Pessoa, Roger e Tambiá, e se apóia em grande medida em narrativas tecidas por moradores da região. Ao dar a voz aos moradores para que narrem a história recente de seu bairro procuro problematizar a suposta linearidade que se constrói nos discursos sobre a cidade, sobretudo no que diz respeito ao progresso e às transformações urbanas modernizadoras.

Me apoio na perspectiva benjaminiana e me esforço em analisar o processo de modernização da cidade de João Pessoa a partir de suas margens e bordas. O presente trabalho pretende deixar em evidência que esta história tem sido contada sob o ponto de vista dos vencedores. Para exemplificar, basta pensarmos nos Institutos Históricos e Geográficos em todo o Brasil. Estas instituições, assim como os museus e monumentos, assumem a tarefa de resguardar a fidedignidade da história oficial. Em um movimento oposto, volto meu olhar para o ponto de vista dos vencidos. É por este viés que encaro a resistência da cultura popular na cidade de João Pessoa. Trata-se, em primeiro lugar, de uma recusa da narrativa monolítica do progresso. Deste modo, procuro pensar a cidade a partir de suas discontinuidades, o que permite contemplar uma outra temporalidade de escrita da história, baseada em suas fissuras.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A cultura popular e a formação da modernidade na Parahyba: uma leitura das crônicas de Coriolano de Medeiros.

Coriolano de Medeiros traz nas memórias de sua infância – situadas entre os fins do século XIX e o início do século XX - a reconstrução da vida cotidiana e dos costumes populares do Tambiá, um dos mais importantes bairros da cidade na época.

As crônicas de Medeiros se apóiam, acima de tudo, em suas memórias urbanas da cidade da Parahyba. Com a descrição da paisagem do bairro do Tambiá, enfatiza os costumes, os moradores exóticos e as arengas pitorescas da vizinhança. Além disto, o autor enfatiza a memória do espaço físico e das transformações urbanas, o que aponta para a modernização que se instala. Como vimos anteriormente, o período a que suas memórias se referem (1900-1930) é marcado pelo surgimento das primeiras reformas urbanas, por isso, as crônicas de Medeiros descrevem o crescimento da cidade e as iniciativas governamentais de modernizá-la.

O sentimento chave que permeia as narrativas de Medeiros é a saudade. Saudade pelo que passou e que hoje se apresenta descaracterizado. Neste sentido, Coriolano de Medeiros se identifica com o pensamento de Gilberto Freire, um pensamento regional-nordestino, onde reina o sentimento nostálgico. O autor sente a perda das paisagens habituais. Na comparação da nova cidade que vai surgindo com a antiga, observa-se a perda de uma certa graça, que agora só pode ser apreciada através da memória.

A nossa perspectiva é pensar este panorama a partir do terreno conflituoso da cultura. Isto fica claro quando percebemos que na concepção elitista de cultura presente na obra de Medeiros, o lugar da cultura popular não podia ser outro senão o da marginalidade. O olhar de Coriolano de Medeiros reflete, portanto, um ponto de vista “dos de cima”. O autor ressalta o divertimento da população mais abastada da cidade, dedicando boa parte de sua obra a descrições de serenatas e a comentários sobre a elegância da gente **distinta** e suas festas.

Quando o autor assinala que “a cidade se embalava” nas “elegantes serenatas”, fica claro que se trata de um grupo específico da sociedade. Mais à frente Medeiros



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

evidencia esta especificidade quando apresenta as diferenças entre as serestas elegantes dos ricos e as serestas populares, estas últimas caracterizadas pela desordem e confusão.

“Mas também se contava a serenata dos desordeiros, dos valentões, e se epilogava na quitanda de alguma marafona, ou em plena rua ao estalar de cacetetes ou retinir dos sabres dos soldados da ronda. Então o sarrilho era grosso porque entre aquela espécie predominavam os capoeiras, blazonando de não ir à cadeia, senão levado, cada um, por seis soldados de linha. Quanto aos da Polícia, chequeavam – todo o trabalho era pouco...” (MEDEIROS, 1994, p. 86).

Vemos aqui o delineamento da representação do pobre como classe perigosa. O capoeira se apresenta como um símbolo do popular enquanto elemento desviante da sociedade. Em outro momento de sua narrativa, Medeiros volta caracterizar a capoeira.

“A banda musical, a passo duplo, saía tocando uma marcha e, logo, dois grupos de capoeiras espinoteavam à sua frente.

- olha o Quarto!...

-olha Hespanha!...

E o sarrilho começava num retorcer, estirar e retrair de corpos; em saltos, cabeçadas e rasteiras; num vozear de insultos; num bater de cacetes; num reluzir de navalhas ...

Certa ocasião, defronte de minha residência, o zabumba remaçou. O mestre mandou os músicos deixar em forma e debandar a facção os capoeiras que se propuseram interromper a marcha da banda, por não vir executando um dobrado por eles preferido.

Como em todo o Brasil, também nesta cidade existiu a capoeiragem, contando aqui com profissionais afamados, que se aperfeiçoaram no Recife e no Rio. A instituição contava avultado número de amadores, entre rapazes de boa sociedade, inclusive alunos do Liceu. (MEDEIROS, 1998, p. 96).

Alguns termos usados por Medeiros para qualificar os setores subalternos da região em que morava denunciam um preconceito velado: “**famigerados** moradores da rua do grude, respeitados no círculo de **desordeiros** da cidade”, “as mulheres **despudoradas**” da rua da matinha. O uso destes termos caracteriza o processo de estigmatização dos espaços populares. De acordo com as reflexões teóricas anteriormente desenvolvidas podemos associar este vocabulário às expressões da visão de mundo da cultura hegemônica. Nos escritos de Medeiros, podemos perceber que as elites locais constituem sua concepção de mundo em conflito com a cultura popular, demarcando sua elegância por contraste à grosseria e maus hábitos dos pobres.

Outra importante mudança ocorrida no período relatado nas memórias de Medeiros diz respeito à estigmatização dos espaços de moradia dos pobres. Este



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

processo revela que as elites detêm o poder de nomeá-las, exercendo o poder de demarcar os espaços de distinção social a partir de uma hierarquia dos espaços.

O exemplo da rua do grude é marcante neste sentido.⁵ Medeiros, em várias passagens de seu *Tambiá de minha infância*, se refere a esta rua, descrevendo um contorno social bastante rico. Nas descrições de Medeiros da rua do grude sobressaem categorias como desordem, inquietação e confusão. Os termos depreciativos que o autor atribui aos lugares populares da região revelam que o autor escreve a partir de um lugar de fala específico. A vinculação social do autor com a elite política e cultural paraibana torna necessário situar suas memórias dentro do imaginário da época, onde a depreciação do povo era um elemento fundamental na tarefa de uma reforma moderna na sociedade paraibana, sobretudo em sua vertente moral e estética. A formação deste imaginário se apoiava justamente na construção de um processo de estigmatização dos espaços populares, sejam eles de moradia ou de diversão.

As memórias de Coriolano de Medeiros, aparentemente neutras em sua descrição, permitem enxergar o olhar das elites em relação aos espaços vivenciados pelos setores subalternos da cidade. É interessante contrastar o quadro que o autor nos oferece dos espaços nobres da cidade e dos locais de lazer dos pobres. De um lado, as bodegas chiques dos distintos e, do outro, os bares dos desordeiros.

Portanto, o que pretendo destacar é o divórcio entre as elites e o povo na cultura paraibana. Minha hipótese inicial é que os mecanismos de distinção costumam ser recursos fundamentais para produzir a hegemonia cultural. Neste sentido, literatura, artes, história (áreas de atuação Coriolano de Medeiros), são campos profícuos para a análise de uma determinada conjuntura sócio-cultural.

Estou interessado em pensar a literatura memorialista como um *locus* da ideologia dos setores oligárquicos. Foi esta elite cultural que fixou o alto valor de certos bens culturais: a música erudita, literatura, entre outros. O que gostaria de chamar a atenção é o modo como as narrativas oficiais da cultura da cidade, apoiadas em um tradicionalismo substancialista dos grupos dominantes, também incorporam alguns bens populares sob o nome de “folclore”, segundo García Canclini, “marca que indicava suas diferenças com respeito à arte quanto à sutileza do olhar culto, capaz de reconhecer até nos “outros” o valor do genericamente humano”. (p. 161). Uma pequena amostra de

⁵ A própria referência ao grude remete a sujeira.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

como a cultura popular é visada a partir da lente folclorista de Coriolano de Medeiros é sua descrição dos caboclinhos

“de frente para a mercearia de José Candido, um cabloco, cujo nome esqueci, ocupava a casa do sítio pertencente ao Padre Meira. Todos os anos, pela Páscoa, saía com os *Cablocinhos*, dançando à porta das pessoas que gostavam desse folguedo. Em nada se pareciam com os Cablocinhos mal asseados, grotescos, do carnaval dos dias atuais. Suas danças se ritmavam ao bater das setas dos arcos perfurados, harmonizando-se com os tons aflautados de uma gaita, entremeadas de frases e versos. (...) Como tudo aquilo me parecia distinto!” (MEDEIROS, 1994, p. 68).

Nossa perspectiva é assinalar o modo como o popular é chamado ao palco pelas lentes memorialistas deste homem das letras.

Nas entrelinhas de suas crônicas, quando aparecem imagens dos espaços populares, o que sobressai é a desordem. Coriolano de Medeiros se dedica a restituir os espaços e as pessoas do antigo Tambiá. A população pobre da região surge em suas descrições sob a lente do exótico e do pitoresco, o que pode ser exemplificado na descrição feita por ele das confusões (arrelias) nas áreas humildes do bairro, principalmente nas ruas da Matinha e do Grude. Nesta última moravam, segundo ele,

"marafonas, amásias de soldados e trabalhadores de canga, sede de gente moça desocupada, atraía desordeiros e outros maus elementos, não falando da garotagem local, um dos maiores núcleos de meninos e meninas pervertidos. (...) não era raro acontecerem confusões e brigas de mulheres na rua para disputar a bofetões, dentadas e lutas corporais a posse do coração de um miliciano que sorria envaidecido, aguardando o desfecho da questão" (Medeiros, 1994: 23, 29).

Já afirmei anteriormente que a desaprovação de Medeiros em relação as culturas populares nos remete a compreensão do seu lugar de fala. Portanto, cabe contextualizar o quadro cultural local, onde ser culto é aprender um conjunto de conhecimentos sobre a própria história. Além disso, a obra de Medeiros me permitiu pensar que, na Parahyba dos anos 1900-1930, (período a que suas memórias remetem), ser culto é também participar dos palcos em que os grupos hegemônicos fazem com que a sociedade apresente para si mesma seu próprio espetáculo.

Nunca é demais lembrar sua vinculação a duas instituições de tradição conservadora, a Academia Paraibana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Esta vertente de intelectuais tradicionais demarca os pontos de referência



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

culturais e históricos da cidade. A literatura memorialista se mostra um terreno fecundo para trazer à tona um passado soterrado pelas mudanças modernas. De modo geral, celebra-se o patrimônio histórico constituído pelos acontecimentos fundadores, os heróis que os protagonizaram e os objetos fetichizados que os evocam. As narrativas assumem o caráter de ritual de legitimação da ordem social, pois os ritos legítimos são os que encenam o desejo de repetição da ordem.

A Literatura memorialista elaborada por Medeiros pode ser analisada sob a perspectiva que considera as formas através das quais os indivíduos e os grupos procuram dar visibilidade aos seus interesses. Nas imagens presentes nas narrativas de Medeiros se desenham sentidos múltiplos e contraditórios, demonstrando que as alianças e os conflitos são construídos socialmente.

É, pois, na condição de experiência individual vivenciada no contexto social que a narrativa de Coriolano de Medeiros revela alguns pontos de tensão no interior da cultura paraibana.

*

O discurso que se evidencia através das crônicas de Medeiros é construído a partir do processo de renovação da visão de mundo das elites locais. As representações sociais acerca dos grupos populares elaboradas por Medeiros me permitiram analisar a memória cultural da cidade da Parahyba (1900-1930), de modo a revelar as muitas cidades que coexistem em um mesmo espaço geográfico.

Afirmamos que Medeiros fala de um lugar social específico, ou seja, de um ponto de vista localizado em um contexto próprio. Com isto quero reconhecer que as narrativas de Medeiros estão arraigadas no imaginário social da elite da cidade. O autor representa o perfil do intelectual tradicional paraibano: membro da Academia Paraibana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba – IHGP. A história narrada por esta vertente de pensadores paraibanos se tornou hegemônica, solidificando as bases da história oficial. Essa história, assim como a simbolizada pelos monumentos e documentos, não é a verdadeira História da Paraíba, trata-se de uma escrita da história enraizada em um lugar de fala específico. A narrativa de Medeiros, portanto, não é neutra, ela tem sua historicidade, seu lugar social, é portadora de interesses e vinculações políticas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O que gostaria de sinalizar é que as representações acerca dos pobres contidas na literatura paraibana estão apoiadas em um ambiente sócio-cultural específico. Neste sentido, deve-se pensar o terreno mais amplo de formação da hegemonia cultural de uma determinada época, o que exige encarar a cultura como um campo de forças, uma arena em constante tensão, conforme exposto anteriormente por autores como García Canclini, E.P. Thompson e Stuart Hall.

Procurei interrogar o discurso oficial da memória cultural da cidade de João Pessoa com o intuito de levantar a seguinte questão. A que grupos sociais estas memórias se vinculam e a que interesses elas servem?

Renato Ortiz procura distinguir duas ordens de fenômenos no que diz respeito à memória: a memória nacional e a memória particular dos grupos populares. “A memória nacional se colocando na perspectiva da conservação dos valores populares não se identificaria por fim à própria memória popular?” (Ortiz, 1994, pg. 135.)

Segundo o autor, elas não podem coincidir. A primeira remete à sociedade como um todo, enquanto a segunda se restringe a grupos particulares. De acordo com Ortiz, a memória coletiva dos grupos populares é da ordem da vivência. Já a memória nacional, pelo contrário, se refere a uma história que transcende os sujeitos e não se concretiza imediatamente no seu cotidiano.

Esta questão levantada por Ortiz me permite empreender uma discussão acerca da relação conflitante entre a memória oficial e a memória popular.

Minha perspectiva é tentar compreender o fato de que a história oficial da Paraíba, narrada por literatos e intelectuais tradicionais, se desloca do cotidiano dos sujeitos, ou seja, ela não é vivenciada. Do ponto de vista das culturas populares, afinado com Ortiz, considero que a memória só se atualiza mediante a vivência, por meio da reatualização das brincadeiras e atividades culturais.

Ao adentrar na literatura memorialista de Coriolano de Medeiros, nos vemos diante do desafio de pensar o entrelaçamento entre cotidiano e história. O que gostaria de chamar a atenção é que a alteridade do autor, o povo, descrito em suas narrativas via “tipos populares”, não teve a chance de escrever sua história escrita. Sua presença na história oficial se dá sob o signo da marginalidade. Nos anais da intelectualidade paraibana os “tipos populares” são o espelho de uma construção que toma o diferente como exótico, aceita-o em sua excentricidade e, por fim, o segrega na sua diferença.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar a memória cultural dos bairros do Roger e Tambiá. Para tanto, inicialmente quis mostrar a produção social da memória nos escritos de Coriolano de Medeiros no período de formação da modernidade na capital paraibana. Suas narrativas foram contextualizadas de modo a problematizar seu lugar de fala e o olhar depreciativo em relação as culturas populares. No segundo momento da pesquisa, me apoiei em depoimentos orais de antigos moradores para recontar a história da presença da cultura popular nos bairros do Roger e Tambiá. Esta população compõe um grupo social que não teve a chance de escrever sua própria história. Por isso procurei mostrar a tensão existente entre as dimensões da memória hegemônica e da memória subalterna.

As memórias que se tornaram hegemônicas não abrem espaço para a dimensão da experiência vivida dos setores subalternos. Esta dimensão do vivido pertence ao terreno das memórias populares, que não se guiam, no mais das vezes, pelo tempo do relógio, mas pelo tempo da experiência (casamento, nascimento dos filhos, locais de moradia...), o que significa que as lembranças não têm a precisão do calendário. São elas, porém, que nos trazem a riqueza dos sentidos dessa experiência, que são múltiplos e se modificam ao longo do tempo.

A investigação desenvolvida pretendeu mostrar a importância da pesquisa sociológica no universo das memórias populares. O presente trabalho pôde experimentar o desafio sociológico envolvido no ato de investigar as memórias subalternas de modo a reconstruir as narrativas acerca da cidade de João Pessoa.

Minha tarefa foi trazer uma discussão preocupada em inserir a cultura dentro de um quadro maior das relações de poder. Foi pelas brechas da memória oficial que tentamos palmilhar a resistência cotidiana na sua teimosia subterrânea.

Diante dos depoimentos dos moradores podemos perceber que as narrativas oficiais, com sua suposta objetividade e precisão, mais parecem uma paisagem diluída, parcial e retalhada que negligencia a história dos homens comuns.

Este trabalho procurou refletir sobre a luta das memórias populares contra o esquecimento. Tentei demonstrar que a permanência das práticas culturais populares é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

inconciliável com o esquecimento, pois no universo cultural popular esquecer significa negligenciar a própria história e o caminho trilhado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, Marcos. **Perdas e danos: cultura popular, repressão da diversidade e expropriação cultural.** In: XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2003, João Pessoa. Anais eletrônicos - XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa: ANPUH-PB, 2003 (CD-ROM).

AYALA, Marcos & AYALA, Maria Ignez Novais. (1987) **Cultura popular no Brasil.** São Paulo: Ática, 1987.

BENJAMIN, Walter. (1985) **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras escolhidas, v. 1).

BOSI, Alfredo (Org.). (1987) **Cultura brasileira: temas e situações.** São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Ecléa (1986) **Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias.** Petrópolis, Vozes, 1986.

_____.(1987) **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987

BURKE, Peter. (1989) **Cultura popular na idade Moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, José Jorge (2004). **Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria do entretenimento.** In: FUNARTE-IPHAN. *Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas.* Brasília: CNFCP, 2004. p. 65-83

_____. (2001) **O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna,** *Horizontes Antropológicos*, Vol. 15, 107-147, julho de 2001.

_____. (1992) **O Lugar da Cultura Tradicional na Sociedade Moderna.** Em: *Seminário Folclore e Cultura Popular. As Várias Faces de um Debate.* Rio de Janeiro: INF/Ibac, 1992: 23-38.

CERTEAU, Michel de. (1998). **A invenção do cotidiano.** 1ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- CHAUI, Marilena (1985) **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DINIZ, Ariosvaldo (2004). **A maldição do trabalho**. João Pessoa: Ed. Manufatura, 2004.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. (1997). **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- _____. (1983). **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GRAMSCI, Antonio (1968). Observações sobre o folclore. *In: Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 183-190.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota (1992). **Metodologias Qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 92-100.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.
- _____. (2001). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. (1990) **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HONORATO, Rossana. (1999). **Se a cidade fosse minha...** a experiência urbana na perspectiva dos produtores culturais de João Pessoa. João Pessoa: Ed. universitária/UFPB, 1999.
- LANDER, Edgardo (org.) (2004). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais** Perspectivas Latino-americanas. Buenos Áries: CLACSO, 2004.
- LE GOFF, Jacques. (1991). **História e memória** 4ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- LOMBARDI SATRANI, Luigi M. (1986) **Antropologia cultural e análise da cultura subalterna**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MARTINS, José de Souza (1989) **Caminhada no chão da noite**. São Paulo: Hucitec, 1989, p. 17-137.
- _____. (1993) **A chegada do estranho**. São Paulo: HUCITEC, 1993. (Col. Ciências Sociais, 32).
- _____. (1992) **Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano, 1992.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. (1998) **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade** 2ªed. São Paulo: Huicitec/UNESP, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MEDEIROS, Coroliano. (1994) **Tambió de Minha Infância – Sampaio**. João Pessoa: A União, 1994.

NASCIMENTO, Mayk. (2010) **Memória, cultura popular e enraizamento**. Uma análise dos costumes e práticas culturais populares dos bairros do Roger e Tambió - João Pessoa-PB. Trabalho de conclusão do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB, 2010.

_____. (2007) *Cultura popular nos bairros do Roger e Tambió: cotidiano, costumes e resistência*. Trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais na UFPB, 2007.

_____. (2004) *Indivíduo e cultura: perspectivas da antropologia contemporânea*. In Revista Caos. Nº. 7, 2004. p. 32-40.

ORTIZ, Renato. (2005) **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. (1996) **A moderna tradição brasileira**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

SAHLINS, Marshall. **O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção**”. Mana, v. 3, n. 1, p. 71-105, 1997.

SILVA, Rivamar Guedes da. (2006) **O Tambió de todos os tempos: Memória, lazer e sociabilidade**. Dissertação defendida no programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB, 2006.

THOMPSON, Edward P. (1998) **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. (2001) **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Org. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

THOMPSON, Paul. (1992) **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

XIDIEH, Oswaldo Elias. (1993) **Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1993.